



## VOTO DE PESAR

No dia 18 de Junho de 2010 morreu José Saramago. Este escritor português e Prémio Nobel da Literatura, não foi um cidadão consensual. É sobejamente conhecida a sua opinião crítica em relação à crença religiosa que guia muitos portugueses. No entanto, apaixonou-se por Cristo: *“acho que é uma figura fascinante, mesmo para mim que não sou crente. Pode pensar-se que, como não crente, não tenho direito algum de me apaixonar por Ele. Não estou de acordo. Qualquer escritor, todo o escritor, deveria, um dia, confrontar-se com a Sua figura”*.

Na “Jangada de Pedra”, Saramago ilustrou o seu conceito de iberismo, que reiterou depois em diversas ocasiões. No entanto, também disse: *“em primeiro lugar sou português. Depois sou ibérico. E depois, se me apetecer, serei europeu. Portanto acontece que eu sou português. Não posso ser outra coisa senão português. Não posso escrever outra língua senão a portuguesa”*.

José Saramago foi um comunista. Um comunista hormonal, segundo a sua própria definição. Mas a sua militância não o impediu de dizer sempre o que muito bem entendeu. Disse, por exemplo, que *“a União Soviética não é nem nunca foi, para mim, uma referência política”* ou *“agora chegam os fuzilamentos. Cuba não ganhou nenhuma heróica batalha fuzilando estes três homens, mas, isso sim, perdeu a minha confiança, ofendeu as minhas esperanças, defraudou as minhas ilusões. Até aqui cheguei”*.

José Saramago foi uma personalidade de grande densidade, tal como a sua vastíssima obra. Para o analisar na sua plenitude, na sua complexidade, é conveniente seguir o seu sábio conselho: *“Se podes olhar vê. Se podes ver, repara.”*

Lendo a sua obra repara-se que o tal país imaginário do escritor português, descrito no livro “As Intermitências da Morte”, era uma monarquia e não uma república. Que conclusões se podem tirar daqui? Nenhunas, a não ser que o país onde não se morria, nem se deixava morrer, era uma monarquia e não uma república.

De resto, bastaria igualmente evocar o “Memorial do Convento”, para concluir que se não fosse a História de Portugal e dos seus Reis não teria sido escrito, por falta de conteúdo e de



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA  
REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
Gabinete da Presidência

imaginário, esta extraordinária obra-prima da literatura mundial. Isto mesmo reconheceu a Academia que lhe entregou, pelas mãos de um Rei, o Prémio Nobel da Literatura em 1998.

A obra de José Saramago constitui um legado imprescindível para a eterna discussão sobre o modelo de sociedade em que o ser humano deseja viver. Quando, no “Ensaio sobre a Cegueira” e na sequência “Ensaio sobre a Lucidez”, o escritor versa sobre o papel social e político do ser humano, ele não coloca nomes nas personagens. Nem identifica o país. É universal. É, no fim de contas, um exemplo perfeito do que significa ser Português.

José Saramago defendia valores que são idealmente universais para o ser humano: a igualdade de direitos sociais; a defesa da terra e da sua cultura e a defesa do belo e sagrado que brota das mãos de quem trabalha.

Por tudo isto, a morte José Saramago constitui uma perda dolorosa para Portugal e para a literatura universal. Ficam-nos as suas palavras e os seus livros. Este não crente disse um dia que *“é pela palavra que nos fazemos, que nos criamos, que nos salvamos. Não temos outra coisa. É que não temos outra coisa”*. Se assim for, releva o facto de José Saramago também não necessitar de outras coisas para se salvar. Há muito que se tinha “Levantado do Chão” e alcançado a mítica eternidade das palavras. Sorte a dele.

Assim, nos termos estatutários e regimentais aplicáveis, a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, aprova um Voto de Pesar pelo falecimento de José Saramago e expressa aos seus familiares as mais sinceras condolências.

Aprovado, pela Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, na Horta, em 13 de Julho de 2010.

O Presidente da Assembleia Legislativa  
da Região Autónoma dos Açores

Francisco Manuel Coelho Lopes Cabral